

SOLIDARIEDADE E CONHECIMENTO DE DEUS – Enfoques proféticos em Oséias 6,1-11¹

Milton Schwantes

*Em homenagem ao Prof. Dr. Rainer Kessler,
catedrático de Antigo Testamento de Marburgo, Alemanha,
pela comemoração de seus 65 anos.*

Oséias é cabeçalho dos Profetas Menores. Suas palavras e sua vida proféticas expressam um modelo. E no coração desta profecia típica encontramos uma tese marcante, a de 6,6. Esta é a que mais nos interessa neste ensaio que começamos pela tradução literal da unidade maior:

¹Vinde e voltemos a Javé!
Eis,
ele mesmo despedaçou e nos curará,
golpeia e nos enfaixará,
²far-nos-á viver após dois dias,
no terceiro dia erguer-nos-á,
e viveremos diante de suas faces.

³E conheçamos!
Corramos para conhecer a Javé!
Como aurora, certa sua saída.
E entrará como a chuva para nós.
Como serôdia regando a terra.

⁴Que farei para ti, Efraim?
Que farei para ti, Judá?
E vossa solidariedade como nuvem de manhã,
como o orvalho que cedo passa.

⁵Por isso,
Bati com os profetas.
Matei-os com dizeres da minha boca.
E [de] teus direitos luz sairá!
⁶Atenção!

1. Veja em especial Carlos Mario Vásquez Gutiérrez, *Oseas 6,6 – Reconstruyendo el tejido social – La solidaridad una alternativa frente a la violencia institucional*, São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1995, 186p. (dissertação de mestrado).

Solidariedade tenho agrado e não sacrifício,
e conhecimento de Deus não² holocaustos.

⁷E eles mesmos, como Adam, transgrediram pacto.

Ali foram desleais comigo.

⁸Gileade [é] cidade que pratica maldade, acidentado de sangue.

⁹E como os que espreitam alguém, salteadores, o bando de sacerdotes,
[assim] assassinam no caminho a Siquém.

Eis! Infâmia fizeram!

¹⁰Na casa de Israel vi coisa horrível:

ali autonomia para Efraim;
tornou-se impuro Israel.

¹¹Em especial Judá: uma colheita está definida para ti³, quando eu mudar a sorte de meu povo.

Estilo e seqüências

Esta poesia tem inteireza semelhante ao que observamos em relação à subunidade anterior, a 5,8-15. Está bem disposta. Frases e conteúdos se repetem, ao longo dos versículos. Por isso, penso ser conveniente ver nestes onze versículos de Oséias 6 uma só subunidade de sentido.

Para identificar em detalhes esta poesia, estas repetições temáticas, convém tentar uma estruturação dos conteúdos. A rigor temos somente duas partes: a primeira que conclama “vós” (Efraim e Judá) à conversão, que delineaia critérios, ainda que parciais, para pessoas se acheguem aos caminhos de Javé; a segunda, que reage a esta conclamação, em diversas etapas. De um lado estão, pois, os v. 1-3, do outro os v. 4-11. Cada uma destas estrofes apresenta suas dificuldades. Chama a atenção que a fragmentação dos versículos e de pequenas subunidades de sentido, em especial em v. 4-11, é marcante. É provável que nesta segunda parte caiba papel de destaque ao v. 4, porque dele brotam os versículos que lhe seguem.

Os v. 1-3 certamente constituem uma subunidade; estes três versículos têm um “nós” como sujeito. Sua temática igualmente é unitária.

A primeira frase do v. 1 e as duas primeiras do v. 3 encontram-se em continuidade:

“Vinde e voltemos a Javé!” (v. 1a)

“E conheçamos!

Corramos para conhecer a Javé!” (v. 3a)

2. A seqüência, *lo' – min* a rigor se deve traduzir “não” – “jamais”. Veja Wilhelm Gesenius e Ernst Kautzsch (=Gesenius-Kautzsch), *Hebräische Grammatik*, Leipzig, Vogel, 1866, § 119w.

3. Em hebraico, este sufixo “tu” está no feminino.

Isso indica claramente que temos que ler os v. 1-3 como um conjunto de sentido. Formam uma ‘estrofe’. Para enfatizá-lo, ainda mais, convém perceber que o v. 1b e o v. 2 resultam do “eis!”/ki que dá seguimento à convocatória do “vinde e voltemos” do começo do v. 1a. Há, pois, perfeita integração temática nestes três primeiros versículos.

Dando uma atenção mais especial aos v. 1-2, percebe-se que suas repetições são peculiares: a primeira frase do v. 1 será retomada, como já vimos, no começo do v. 3. Segue-se, no v. 1, um “eis!” que sustenta as cinco próximas frases no v. 1 e no v. 2. Seu alvo é a frase final do v. 2: “e viveremos diante de sua face”. Esta frase, no final do v. 2, por sua vez está em relação com o começo do v. 1 (“voltemos a Javé”) e do v. 3 (“corramos... a Javé”). Há, pois, uma profunda inteireza poética nestes versículos! Nesta perspectiva de observações poéticas chama a atenção que o v. 2 parece concluir-se em suas duas primeiras frases:

“far-nos-á viver após dois dias,
no terceiro dia erguer-nos-á” (v. 2)

Ora, “far-nos-á viver” (no começo!) se encontra em relação com “erguer-nos-á” (no final!). Muitas vezes tais repetições em inversão têm a função de fechar, de encerrar um pensamento, o que, aliás, também sucede neste nosso v. 2. Mas, tais inversões também podem assumir a função de destacar a frase última que lhes segue, como sucede em nosso v. 2: nele a frase final é marcadamente decisiva (“e viveremos diante de suas faces”).

Em termos de estilo, chama, pois, a atenção quão poética é a formulação do v. 2. Mas o mesmo não se pode dizer para a segunda parte do v. 3. Falta-lhe conclusividade em sentido poético! A razão há de ser que o sentido do final do v. 3 deseja estar inserido nos versículos que seguem, na segunda ‘estrofe’ (v. 4-11).

Estes v. 1-3 têm um “nós” como sujeito. Há de ser o “nós” comunitário. Isso implica em que estes três versículos são uma citação de atitudes comunitárias. Poderia tratar-se de um “cântico de arrependimento”, de uma convocação litúrgico-hínica de retorno a Javé, cuja ênfase é a tônica de confiança. Esta definição dos versículos tende a sugerir que tais conteúdos de cântico sejam de festas a Javé (veja por exemplo 8,3 e 9,1-2)⁴. De todo modo, os versículos são oseânicos, ao menos no aspecto de que lhes falta qualquer menção a sacrifícios!

O v. 4 de todo modo é palavra profética: a palavra é de Javé e o referente são as organizações políticas (Efraim e Judá). Mas, na denúncia da segunda parte destes versículos voltam termos similares aos de um dos versículos anteriores, v. 3. Não há, pois, dúvida de que devemos ler o v. 4 na continuidade do v. 3! Penso, pois, que podemos considerar este v. 4 tanto como uma continuação do precedente, quanto o tema de novos conteúdos: denuncia e ameaça a Efraim e também a Judá. O v. 4 é *cabeçalho*, em

4. Veja a respeito Hans Walter Wolff, *Hosea*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 2ª edição, 1965, p. 148-149 (Biblischer Kommentar 141); em inglês: *Hosea – A Commentary on the Book of the Prophet Hosea*, Philadelphia, Fortress Press, 1974.

especial o v. 4a: “o que farei?” Os v. 5-11 a rigor respondem a esta pergunta, afirmando, através do enunciado de descaminhos andados por Efraim, que a destruição é o único caminho viável ao Efraim já cambaleante.

E, de fato, os v. 5 e 6 claramente dão continuidade ao v. 4, se bem que cada um destes dois versículos tenha sua introdução autônoma; representam, pois, profecias autônomas ao serem faladas, mas aqui literariamente estão conectadas: “por isso” (v. 5) e “eis!” (v. 6). Ainda que estes dois, v. 5 e 6, mantenham entre si complementaridade de sentido, cada qual tem seu assunto próprio.

Os v. 7-11 só enfocam denúncias, em especial a Efraim, mas, no final, v. 11, nitidamente também a Judá. Esta seqüência de denúncias vem encabeçada por uma introdução nova, diferente das duas em v. 5 e 6: trata-se de “e eles”. Tudo que segue tem a ver com “eles” (com Efraim e com Judá).

Penso que se devem agrupar estes v. 7-11. Isso implica em entender *'adam* (v. 5) no sentido de uma localidade. No caso, o v. 7 se refere a abusos praticados à semelhança de Adam/*'dam*; o v. 8 enfoca a Gileade e sua “infâmia”, e o v. 9 destaca “o caminho de Siquém”. Uma vez que se tenha percebido que os v. 7-9 se complementam e que são reunidos pelo pronome pessoal “e eles”, no começo do v. 7, configura-se claramente um conjunto profético temático a partir do v. 7. Mas, este não termina no v. 9, pois os v. 10 e 11 complementam. Um se refere à “casa de Israel” (isto é: a Efraim e Israel, como o próprio v. 10 o explicita). E outro menciona, “em especial”, Judá (v. 11). Na verdade, estes assuntos que se referem a Efraim e a Judá marcam nosso texto desde o v. 4. Isso já nos autoriza a enquadrar os v. 4-11 em um só conjunto literário, em uma só ‘estrofe’, encabeçada por este v. 4.

Uma vez que se tenha percebido que os v. 4-11 configuram um conjunto, há que retomar a percepção que a estrofe poética que aí temos é fruto de uma compilação de frases proféticas autônomas quando pensamos em sua origem. Conquanto ditos proféticos de denúncia, estes versículos são autônomos, como o evidenciaremos em detalhes mais adiante no estudo dos conteúdos.

Por isso, proponho que, desde já, observemos alguns detalhes quanto aos aspectos formais e poéticos das subunidades menores, dos próprios versículos.

No v. 5, a introdução (“por isso”) vem seguida de três frases. As duas primeiras repetem sentidos, e a terceira promove um novo conteúdo. A bem da verdade, justamente esta última frase é de difícil compreensão. Com este final do v. 5, o v. 6 mantém alguma relação, pois pode-se considerar que “os teus direitos” seja retomado por “solidariedade” e talvez também por “conhecimento de Deus”. Ainda assim quanto a seu todo este v. 6 mantém sua autonomia, ainda mais que corresponde a uma típica sentença programática⁵ da profecia. Percebe-se, pois, que as poesias dos ditos proféticos dos v. 5 e v. 6 têm alguma integração, mas quanto a seus conteúdos principais são autônomos. Os ditos foram agrupados, a meu ver literariamente, sem que tenham nascido juntos.

5. Veja a respeito as p. 83-111 de Milton Schwantes, “*A terra não pode suportar suas palavras*” (Amós 7,10) – Reflexões e estudos sobre Amós, São Paulo, Paulinas, 2ª edição, 2004.

Por certo, os v. 7-9 e 10-11 mantêm entre si estreita relação de conteúdo. Mesmo assim as formulações poéticas de um e outro versículo também estabelecem textos autônomos.

Quando...

O estado de Israel, o norte, com capital em Samaria, ainda existe, se bem que o conceito que melhor o define seja “Efraim”. Portanto, estamos em um tempo após 733-732 aC, quando os assírios já tinham destruído e anexado as regiões norte de Israel, matando e deportando, e antes de 722 aC quando o Império Assírio anexou “Efraim”, Samaria. De todo modo, parece que Israel ainda não perdera seu último rei, chamado Oséias, aprisionado pelos assírios anos antes da anexação da Samaria, em 722 (2Reis 17,4-6). E, simultaneamente, parece que as devastações assírias de 733-732 aC ainda estão tão próximas que não se faz necessário enfocá-las e caracterizá-las, porque suas imagens ainda se encontram bem presentes. O que aparentemente ainda não se ‘sabe’ é que aquele aniquilamento de Israel resulta de seus próprios desmandos sociais e religiosos, e que a ruína é obra de Javé.

O texto destes versículos ainda está bastante próximo à fala. Percebe-se que nele existem unidades menores que, estas sim, hão de ter sua origem em diversas palavras ditas por Oséias. Mas, possivelmente, a primeira junção que os conteúdos aí expressos encontraram ocorreu nesta nossa subunidade. Antes de nosso trecho os variados ditos eram autônomos. É aqui que se encontram para se expressarem pela primeira vez como conjunto.

“Vossa solidariedade – como nuvem da manhã” – Conteúdos (6,1-11)

Aqui, duas estrofes estão justapostas: uma de cunho litúrgico-penitencial (v. 1-3) e outra de matiz profética, marcada pela denúncia (v. 4-11). Um dos desafios consiste em vincular a ambas. Já tentamos promovê-lo, com argumentos mais de ordem formal, cabendo-nos, agora, insistir em fazê-lo em termos de conteúdo.

Em todo caso, desde já concluo que certamente há esperança para as pessoas designadas de “nós”, enquanto que para outros, aos quais são atribuídos conceitos como “Efraim” e “Judá”, não há as mesmas expectativas. Sim, a profecia promove palavras distintas para pessoas distintas! Oséias distingue uns dos outros!

Vejamos tais diferenciações ao focar os conteúdos.

“Voltemos... e conheçamos” (v. 1-3)

Estes 6,1-3 estão em certa continuidade de 5,14-15, em especial do v. 15. O vocabulário se assemelha, se bem que lá, no v. 15, prevalece a primeira pessoa, no v. 1 a segunda:

“virei, voltarei a meu lugar” (5,15)

“vinde e voltemos a Javé!” (6,1)

Há, pois, grande proximidade entre o versículo que fecha 5,8-15 e o que abre 6,1-3. Penso até que 6,1-3 precedem. Tendem a ser um citado. Poderiam ser, como viamos, a memória de um canto de arrependimento e de penitência, ou talvez até um convite para a peregrinação ao santuário⁶. De todo modo, a linguagem é pré-moldada.

Ela há de provir do ambiente templar. O “voltar” tem relação com “vir”, “entrar”, portanto com a peregrinação. Vai-se ao templo, onde estaria a divindade, e assim ocorre o “voltar” (veja também 5,15). Nem a profecia e nem Oséias compartilham desta compreensão de Deus: Javé já não é residente no templo. Portanto, “vir” e “voltar” já não se referem a uma ‘casa’ divina.

A ‘volta’ justamente não tem por meta um símbolo monárquico como é o templo. “Voltar” leva aos conteúdos tribais, não aos estatais. Pois, se a ‘volta’ tivesse como meta os conteúdos do estado, como é o caso de um templo como o de Betel, nem haveria ‘retorno’, mas tão-somente reafirmação do habitual. *“Voltar a Javé” dá-se, por assim dizer, por fora do estado, de seus templos, sacrifícios e sacerdotes.*

O final do v. 2 deixa-o entrever melhor. Lá no auge da explicação que o próprio texto dá ao sentido de “voltemos a Javé” afirma “e viveremos diante de suas faces”. Por aí se vê que “voltar” quer implicar em “viver”! Logo, o ‘retorno’ não se restringe a gestos ou conteúdos religiosos, mas implica na vida. O começo do v. 3 nos dará mais alguns pormenores do que seja “voltar” para poder “viver”. Agora, ainda há que realçar que se trata de uma vida “diante de suas faces” (veja final do v. 2). Esta expressão refere-se ao encontrar-se no templo com a imagem da divindade, quando então a rigor permanecia-se ‘diante das faces’. Não é o que há de significar em Oséias.

O v. 3 diz que “voltar” e “viver diante de suas faces” é “conhecer”: “voltemos” – “conheçamos”. Para poder “voltar”, é preciso “conhecer”, aliás, correr para conhecer. Ora, sabemos que é “conhecer”: é estar inserido das ações salvíficas de Javé (como, por exemplo, a obra libertadora no Egito, 5,4) e em seus mandamentos (4,1-2!)⁷.

“Que te farei?” (v. 4-11)

Na segunda ‘estrofe’, v. 4-11, os conteúdos serão outros. Sua ênfase são *as denúncias*. E seu referente não somos “nós”, mas Efraim e Judá, portanto entidades políticas, estados. Para estes, não há esperança, nem conversão, mas tão-somente desvendamento radical de seus equívocos que os levarão à ruína. Não que estes não tivessem tido chances de vida, mas porque estes desde o passado até o presente renunciaram a si mesmos, a seu futuro.

O v. 4 encabeça a nova estrofe; a ele estão relacionados todos os versículos até v. 11. Os v. 5-11 como que emanam do v. 4.

6. Assim por exemplo Jörg Jeremias, *Der Prophet Hosea*, Gotinga, Vandenhoeck & Ruprecht, 1983, p. 84-89 (Das Alten Testament Deutsch 24/1).

7. Veja a respeito o ensaio de Hans Walter Wolff, “‘Wissen um Gott’ bei Hosea als Urform von Theologie”, em *Theologische Bücherei*, Munique, Christian Kaiser Verlag, vol. 22 (Gesammelte Studien zum Alten Testament), 1964, p. 182-205.

As duas perguntas iniciais expressam dúvida, ainda que a quantia de denúncias que se seguem até o v. 11, a partir do próprio v. 4b, não deixa dúvidas quanto ao futuro de quem se esmera na prática do mal. Neste sentido, como cabeçalho da estrofe, a pergunta “o que te farei?” tende ao retórico. “Efraim” e “Judá”, estes dois estados, não têm outro futuro do que aquele que estão encaminhando através de suas injustiças. Estas implicam em morte, ainda que nossa estrofe não se esmere em expressá-lo!

A denúncia principal é a ausência de “solidariedade”/*hesed*. Este termo é, em Oséias, decisivo para caracterizar a denúncia, como veremos logo a seguir no v. 6; mas também já o conhecemos de 2,21; 4,1; 10,12 e outras passagens. Este termo *hesed* agrupa as necessidades de pessoas, para que em torno a elas haja interajuda. Mas ela se esvai nas estruturas estatais de Efraim e Judá; nelas são “como nuvem da manhã, como o orvalho que cedo passa”. Com estados sem “solidariedade”, não há o que fazer, ainda que se pergunte “o que te farei”!

Não que Javé não se houvesse interessado por “ti”. Agiu em prol de “ti” através dos profetas e de seus ensinamentos, como o expressam os v. 5-6.

As duas primeiras frases do v. 5 se referem à ação de profetas. Estes, em Oséias, tendem a ser avaliados de modo positivo (diferente em Amós 7,14, por exemplo). Seu protótipo é Moisés (12,11). Estão integrados às ações de Deus. No caso, Javé “quebrou”; o verbo hebraico em questão também é usado para “esculpir”, referindo-se, pois, a um ato com uso de muita força. “Profetas” são, pois, como ‘escultores’; retiram de Israel ou Judá o que não serve para que voltem a ser povo de Deus. Este ato divino de “esculpir”/“quebrar” é realizado “com os dizeres da minha boca” (veja Isaías 50,4). Ainda que seja ação de “dizeres”/palavras não é menos decisivo; é um “matar”. Podemos pensar em 1Reis 18,20-40! É bem possível que Oséias se esteja referindo aqui às memórias de Elias e Eliseu.

A frase final do v. 5 apresenta dificuldades. Sigo a versão que está mais próxima ao texto massorético: “e [de] teus direitos luz sairá”. A ação de Javé em favor dos profetas tem por motivo os direitos; “direito” é aquilo que compete, que cabe a alguém. No seguimento ao direito, “sairá”/“brilhará” “luz”. Nas ações proféticas, emergem “teus direitos” (os daqueles que seguem as práticas exigidas por Deus, veja v. 6), a partir dos quais brilha a luz (veja v. 4b).

O v. 6 dá continuidade a este final do v. 5: ao empenho pelos “direitos”. Esta idéia é realçada em uma frase típica das exigências proféticas. O v. 6, emendado ao final do v. 5, através de uma especial chamada de atenção (*ki*/“eis”), cria uma *frase ética paradigmática* da postura profética. Existem similares na profecia⁸; sua meta é sintetizar em frases profético-sapienciais as proposições éticas da profecia (veja Miquéias 3,8, por exemplo).

Aqui, em nosso v. 6, a ênfase recai sobre a tensão entre atitudes sacrificial-templares e profético-sapienciais. Seguidamente as traduções pretendem propor uma complementaridade entre ambas. Por exemplo, tanto a tradução usual entre protestan-

8. Veja a respeito meu livro já mencionado “*A terra não pode suportar suas palavras*” (Amós 7,10) – *Reflexões e estudos sobre Amós*, São Paulo, Paulinas, 2ª edição, 2004, p. 83-111.

tes (a de João Ferreira de Almeida) quanto uma das muito usadas nas comunidades católicas (Bíblia de Jerusalém) traduzem o v. 6b no mesmo sentido:

“pois,
misericórdia quero e não sacrifício,
e conhecimento de Deus *mais do que* holocaustos” (6,6).

Em questão está este “mais do que”! A preposição hebraica em questão (*min-*) pode ser traduzida neste sentido comparativo, mas não em frases como as nossas, onde não expressa uma comparação (‘mais do que’), mas a exclusão radical (‘de jeito nenhum’). Parto, pois, da percepção de que a segunda parte da sentença profético-sapiencial do v. 6 radicaliza a primeira. Vejamos em detalhes.

A primeira frase está, em termos de conteúdo, na continuação do final do v. 5 (“e [de] teus direitos luz sairá”). Estes “direitos”, no v. 5, estão retomados, no v. 6a, na “solidariedade” e, no v. 6b, no “conhecimento de Deus”. Isso indica, pois, claramente que o v. 6 está inserido em seu contexto literário, ainda que seja uma frase paradigmática própria (veja 8,7, em especial a frase final deste v. 7!).

“Solidariedade” parece-me uma tradução bem melhor que misericórdia, pois, no hebraico, *hesed* enfoca relações interpessoais, na perspectiva da parceria e da interajuda. De todo modo, a ênfase recai sobre a relação entre pessoas, não em uma atitude, quiçá religiosa. Desta “solidariedade” Deus ‘tem agrado’. A raiz verbal em questão (*hps*) está no centro das duas frases de nosso v. 6, tendo o sentido de “ter agrado”; na segunda está pressuposta. Relações sociais solidárias se contrapõem ao *sebah*. Este tipo de “sacrifício”, aqui, pode referir-se justamente ao sacrifício, no qual quem oferta também se alimenta comunitariamente da parte principal do que se oferta. Isso pode ser o caso, porque na segunda parte da poesia são mencionados os “holocaustos”/ *olhot*. Um *olah* é um holocausto, um sacrifício, em que todo o animal é queimado. É possível que devamos insistir em tais diferenciações dos sacrifícios, porque em repetição à “solidariedade” são citados conceitos que ampliam o sentido de “solidariedade”. “Conhecimento de Deus” se assemelha a ações solidárias; ressalta o ético, as práticas correspondentes a Deus. Mas, “conhecimento de Deus” também são ações salvíficas, como o êxodo ou a tomada da terra. Neste sentido, “conhecimento de Deus” retoma o sentido ético da “solidariedade” e amplia a esta na direção de incluir as obras salvíficas. Isto é preferível ao sacrifício (de comunhão) e aos holocaustos. O profeta quer, pois, o encontro ético ao invés dos relacionamentos religioso-sacrificiais com Deus Javé.

Os v. 7-11 referem-se a “eles” (veja começo do v. 7). Estes são os mesmos do v. 4 (“Efraim” e “Judá”). Nos v. 5-6, momentaneamente passam a estar fora de foco. E retornam sob “eles” a partir do v. 7, sendo o interesse até o v. 11.

O v. 7 se refere a um episódio em Adam, uma localidade na Transjordânia, ao sul do rio Jaboque. Não sabemos exatamente o que ocorreu nesta localidade. De todo modo, “eles” “transgrediram um pacto”. Sua atuação foi desleal.

A Gileade se refere o v. 8, em uma frase nominal; falta-lhe o verbo, de sorte que, à semelhança do v. 7, se nos torna bem difícil o que Oséias, na rapidez de suas palavras, quer dizer. Esta Gileade “pratica maldade”.

O v. 9, em todo caso, encerra este elenco de descasos específicos, realizados por cidades no norte. Pois, no final deste versículo há uma frase que melhor seria não só relacioná-la ao que sucede a Siquém, mas ao que ocorre, exemplarmente, em Adam, em Gileade e em Siquém: “eis, infâmia fizeram”. Esta é a síntese das ações típicas das cidades.

Antes de dar esse destaque conclusivo (v. 9b), o v. 9a denuncia ações típicas do sacerdócio de Siquém, organizados em verdadeiros “bandos”. Estes senhores sacerdotes, que deveriam lutar pela vida, só lutam por seus interesses: por isso roubam e matam! Sacerdotes que matam nos sacrifícios (v. 6!), também matam socialmente! Uma “infâmia”!

Identificávamos o v. 9b (“eis, infâmia fizeram!”) como resumo dos v. 7-9. Os v. 10-11 se agregam nesta função. Eles novamente sintetizam, agora com novos termos.

A referência é à “casa de Israel”. Portanto o que os v. 7-9 mencionavam especificamente, aqui, no v. 10, se agrupa. O termo usado para sintetizar o que o profeta “vê” em visão profética já alude a um conteúdo repugnante: “coisa horrível”. O termo tem som e conteúdo tenebroso e macabro: o som é feio (*xa ‘aruriyah*) e também seu sentido. Isto é o que “a casa de Israel” se tornou. As duas frases subseqüentes do v. 10 – em cuja primeira há que agregar o verbo “ver” – ainda o explicitam, sem que alcancem a linguagem funesta da primeira. O espaço da prática da “coisa horrível” é “Efraim” e “Israel” (veja v. 4!).

O v. 11a dá continuidade à perspectiva do v. 10; lá se dera destaque à “casa de Israel”, aqui se realça, “em especial”, Judá. É que “uma colheita está definida para ti”. Chama a atenção este “para ti”, porque é feminino, talvez porque se esteja pensando em Jerusalém (veja “Samaria” em 7,1). “Colheita” indica fim, no caso ruína. Ela “está definida”.

Concluindo, observo, antes de mais nada, que 6,1-11 difere de 5,8-15: lá as palavras de Oséias estão centradas na destruição, na ameaça. Neste sentido, 6,1-11 merecem ser considerados uma subunidade própria.

Em 6,1-3, inclusive prevalecem expectativas. O mesmo reaparece nos v. 5-6. Estes conteúdos de todo modo não têm os mesmos referentes que os dos v. 4+7-11. Estes últimos dizem respeito a “Efraim”, a “Judá”, à “casa de Israel”; portanto dizem respeito aos poderes constituídos sob estes nomes em forma de estado opressor. Apresentam-se, como denúncia, os desmandos destes senhores. Destes versículos e seus conteúdos de denúncia profética diferem os v. 1-3+5-6 onde justamente não há nenhuma menção de “Efraim” ou termos similares. Nestes versículos, a referência é feita, por exemplo, a “nós”, “vós”. Logo, aqui os referentes são outros que nas denúncias. “Efraim” não terá futuro, certas pessoas sim.

O critério principal para a identidade está em 6,6: “solidariedade” e “conhecimento de Deus”. A interajuda comunitária é o horizonte da vida. Eis a questão da profecia!

Milton Schwantes
Rua Camilo José 78
Vila D. Pedro I – Alto do Ipiranga
04125-140 São Paulo/SP
milton.schwantes@metodista.br